

EDITORIAL

Setembro Amarelo

Abreviar a própria vida, iniciada na difícil vitória da fecundação, na qual um único espermatozoide alcança o óvulo, vencendo corrida com 600 milhões, é tema delicado, mas possível de se quebrar o tabu para evitar o fim precoce de uma existência.

A insistência da pandemia em distanciar as pessoas pode vir a tornar-se critério-desempate na escolha de antecipar o crepúsculo inevitável, daí iniciativas como o Setembro Amarelo, campanha anual da Organização Mundial da Saúde, virem com mais força.

O movimento recupera pauta capaz de mobilizar pensadores do tope de

Durkheim, ao escrever em 1897 um dos textos-base da sociologia, por entender a angústia individual como resultado de contextos sociais.

Psiquiatras propõem debates com vistas

É preciso, mais do que nunca, informar, orientando para a detecção precoce de problemas e para a prevenção do suicídio

a superar tradicional restrição ao tema, iniciada em 1774, com o livro Os sofrimentos do Jovem Werther, de Goethe. Atribui-se à tensa leitura o impulso de saltar etapas por parte de multidões de jovens; desde então, tornou-se decisão para editores de jornais, revistas e publicações em geral evitar o assunto, por receio de incentivo.

Tão delicada é a abordagem, a ponto de Camus, autor de A Peste, em 1947, leitura atualizada pelo coronavírus, considerá-la o único problema filosófico a ser levado a sério. Nas origens, os vedas já admitiam estágios de nascimento, velhice e morte, em meio a doenças, como um processo tão mais perto da dor como

distante das alegrias, em recorte seguido por Schopenhauer, no século XIX. Romper a narrativa dos falsos prazeres tem sido opção tática para salvar vidas de tantos quantos queiram livrar-se logo dela em busca de um alívio.

No Brasil, a estatística de quem desistiu de ser cresceu 40% em dez anos. Na Bahia, são mais de três mil casos, entre 2010 e 2017. Anualmente, no mundo, 800 mil preferem dar o tempo final, sinalizando como o desespero humano reúne etnias e classes sociais. Portanto esse cenário é preciso, mais do que nunca, informar, orientando para a detecção precoce de problemas e para a prevenção do suicídio.

BRUNO AZIZ



Norberto Odebrecht e sua crença no ser humano

Fabio Wanderley
Superintendente da Fundação Odebrecht

A confiança no potencial do ser humano e em sua capacidade de se desenvolver, como nos ensinou Norberto Odebrecht, é a razão de ser da Fundação Odebrecht. Razão que mobiliza tantos apoiadores à nossa causa, como membros de instituições privadas, do poder público e representantes da sociedade civil, e nos fortalece para que possamos seguir em frente dando vida ao legado deixado por nosso fundador.

Ao longo de 54 anos de existência, atuamos de diferentes formas tendo sempre como objetivo a construção de uma sociedade mais harmônica, solidária e com igualdade de oportunidades. Com o propósito de construir um futuro mais sustentável para as próximas gerações a partir do desejo das comunidades e seus anseios, Norberto Odebrecht idealizou e criou em 2003 o PDCIS, programa social

para promoção do desenvolvimento sustentável aplicado ainda hoje pela Fundação em uma região de vulnerabilidades do estado da Bahia onde vivem 285 mil pessoas: o baixo sul. Com foco no jovem da zona rural, suas famílias e comunidades de influência, as ações são coordenadas de forma integrada e sinérgica em frentes como educação para o desenvolvimento sustentável, promoção do desenvolvimento econômico, conservação ambiental, inovação e tecnologia na agricultura e cidadania.

Em 2018, decidimos fazer uma avaliação dos impactos resultantes da aplicação do programa, utilizando uma metodologia rigorosa de base científica para demonstrar e avaliar as transformações ocorridas na vida de inúmeras famílias após 15 anos. O estudo comprovou impactos importantes do ponto de vista econômico, social e ambiental distribuídos em toda nossa região de atuação, a exemplo do aumento da renda com a agricultura, menor dependência do Bolsa Família, menos intenção dos jovens em sair de suas propriedades rurais e menor pro-

pensão a utilizar queimadas.

Resultados expressivos que confirmaram nossa missão e nos surpreenderam pelo alcance e pelo significado transformador encontrado na emancipação de pessoas e comunidades, sobretudo frente à realidade das carências ainda existentes no baixo sul da Bahia. Também nos abriu para a possibilidade de nosso modelo de desenvolvimento territorial sustentável contribuir na orientação de políticas públicas e ser expandido para outros contextos e realidades, ampliando assim o seu alcance e benefícios em outras regiões do país.

Para isso, reunimos, de forma estruturada, todo o aprendizado acumulado ao longo da nossa experiência, para preservar esse conhecimento, o que culminou na sistematização do PDCIS. E assim estamos trabalhando, no ano do centenário de Norberto Odebrecht, para moldar o futuro e tornar esse programa um modelo autossustentável, com capacidade para ser reaplicado e adaptado em outros contextos, beneficiando ainda mais pessoas, como sonhou nosso fundador.

Suicídio

Divaldo Franco
Professor, médium e conferencista

No ano de 1994 um jovem americano chamado Mike Emme, com 17 anos, suicidou-se dirigindo o seu carro amarelo. Seus familiares e amigos distribuíram no funeral cartões com fitas amarelas oferecendo mensagens de consolo e solidariedade às pessoas que estivessem enfrentando o mesmo sofrimento do jovem, e, de imediato, a mensagem se ampliou pelo mundo. O mês de setembro, dedicado à prevenção do suicídio, foi denominado amarelo. (*).

A prevenção ao suicídio é um dever que não pode ser adiado, considerando-se essa terrível pandemia, que vem destruindo existências preciosas em toda parte do planeta.

Tem-se procurado entender por que o século da ciência e da tecnologia, nos seus mais altos níveis, apresenta, simultaneamente, os conflitos do vazio existencial, da indiferença pela vida e a fuga terrível pelo autocídio.

As estatísticas são assustadoras, exigindo providências urgentes, especialmente nos lares, cuja estrutura moral vem-se deteriorando com velocidade.

A destruição da família, o desrespeito às tradições, a desconsideração à velhice, a sexolatria, o exagerado culto ao corpo e a violência têm substituído todos os valores que constituem pilotes de segurança emocional, deixando sem sentido a existência.

O ser humano encontra-se numa terrível encruzilhada, sem haver conseguido encontrar um rumo digno para sair da situação em que se debate, tombando no desânimo e na frustração, que o levam à depressão, ao suicídio.

Torna-se urgente a volta ao lar, à escola e aos ideais que dão sentido emocional e espiritual à existência física.

Ao lado deles a fé religiosa que vem desaparecendo com a volúpia do materialismo, também responde pelo tremendo caos que nos assusta.

A irresponsabilidade de alguns indivíduos frustrados e perturbados mentalmente fazem a exaltação ao suicídio como ato de coragem e de desprezo pela vida.

A cada 40 segundos ocorre um suicídio, alcançando o índice de 800 mil por ano, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS).

São muitas as causas do suicídio, especialmente as de natureza mental, começando pelo transtorno de humor. Além dos psiquiátricos, existem os de natureza obsessiva, provocados por Espíritos do mal.

Busquemos todos enfrentar o problema abordando-o com clareza, explicando os efeitos infinitamente perturbadores para aqueles que fogem da luta e sofrem no Além, bem como estimulando ao respeito pelos valores da educação e da vida.

O suicídio não resolve os dramas existenciais, porque a vida prossegue e cada qual é feliz ou desgraçado na Espiritualidade, conforme haja vivido e desencarnado.

Se nos permitirmos o desenvolvimento do amor, lograremos realizar a existência feliz.

(*) TIRADO DO FACEBOOK